

Crise causa redução da classe C

O economista Marcelo Neri da Fundação Getúlio Vargas analisou os números da Pesquisa Mensal de Emprego e encontrou impacto nessa faixa de renda

RIO – Janeiro de 2009 marca uma reversão abrupta nos avanços sociais que caracterizaram boa parte do governo Lula. Em apenas um mês, a classe C nas seis maiores regiões metropolitanas perdeu 11% de todo o seu aumento no governo Lula. Um total de 563 mil pessoas caíram em janeiro da classe C para as classes D e E nas regiões metropolitanas de São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Porto Alegre, Salvador e Recife.

O recuo na participação da classe C no total da população dessas regiões metropolitanas foi de 1,2 ponto percentual, saindo de 53,8% em dezembro de 2008 para 52,6%. De janeiro de 2003, início do governo Lula, até dezembro de 2008, a parcela da classe C cresceu 10,8 pontos percentuais, saindo de 43% para 53,8% na população total das regiões metropolitanas.

A classe C brasileira corresponde aproximadamente à chamada “nova classe média” que emergiu no Brasil e nos principais países emergentes, como China e Índia, durante os anos de boom econômico global que chegaram a um fim abrupto em setembro de 2008.

O economista Marcelo Neri, que dirige o Centro de Política Social (CPS) da Fundação Getúlio Vargas no Rio, calculou esses números com base nos dados da Pesquisa Mensal de Emprego (PME). “A reversão de janeiro é muito preocupante, e é como se a crise finalmente chegasse aos setores populares mais beneficiados pelo governo Lula, e que até dezembro tinham sido pouco afetados”, diz. Ele ainda não teve tempo de calcular o efeito da PME de fevereiro, divulgada na quinta-feira, na divisão entre as classes de renda.